

A ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM COMO ENFOQUE TEÓRICO PARA O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DA GUERRA DO CONTESTADO

Jaisson Teixeira Lino¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar alguns aspectos do enfoque teórico escolhido para o estudo do levantamento do potencial arqueológico da Guerra do Contestado, conflito bélico que ocorreu em uma vasta região situada no planalto sul brasileiro. Os aportes teóricos, com foco na paisagem, mostram as profundas transformações materiais pela qual passou a região no contexto histórico da guerra.

Palavras-chave: Arqueologia da Paisagem. Guerra do Contestado. Paisagem Cultural.

ABSTRACT

This paper aims to present some aspects of the theoretical approach chosen to archaeological potential study of the Contestado War, military conflict that occurred in a vast region located in the brazilian southern plateau. The theoretical framework, focusing on landscape, show the profound material transformations undergone by the region in the historical context of the war.

Keywords: Landscape Archaeology. Contestado War. Cultural Landscape.

Considerações Iniciais

Devido à falta de informações sobre vestígios materiais associados com a Guerra do Contestado, que ocorreu no planalto sul brasileiro entre os anos de 1912 e 1916, iniciei em 2010 um exaustivo levantamento de dados que pudessem dar conta da seguinte problemática: seria possível, decorridos cem anos do conflito, observar-se registros arqueológicos na região? Se sim, que tipo de elementos da cultura material poderiam ser mapeados e estudados sob um enfoque arqueológico?

A pergunta somente poderia ser respondida, com a condição prévia de realizar-se uma “escavação” na extensa literatura sobre o tema, composta por publicações de

¹ Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus de Chapecó/SC. E-mail: lino@uffs.edu.br

militares, religiosos, dileta, historiadores, sociólogos, geógrafos, dentre outras áreas do conhecimento, considerando-se ainda a inexistência de pesquisas arqueológicas anteriores. Antes de proceder tal pesquisa, investiguei que aportes teóricos poderiam guiar e contribuir com esta tarefa, encontrando na arqueologia da paisagem os subsídios necessários para, através da identificação de lugares na paisagem da região, mapear os potenciais pontos que pudessem ser registrados como sítios arqueológicos e históricos. Neste artigo apresento os delineamentos gerais do aporte teórico escolhido, o qual guiou a metodologia e influenciou nos resultados finais da pesquisa que pode ser conferida em minha tese de doutorado².

Um foco na arqueologia da paisagem

Segundo Knapp e Ashmore³, os arqueólogos desde sempre se preocuparam em inserir a paisagem como parte integrante das problemáticas de pesquisa. Contudo, com o passar do tempo foi mudando o entendimento e as relações travadas entre paisagem e arqueologia. De qualquer modo, as abordagens mais amplas surgiram no bojo das mudanças paradigmáticas da disciplina a partir do advento das escolas de pensamento processual e pós-processual,⁴ multiplicando-se, a partir de então, as possibilidades de pesquisas. Inicialmente os estudos se centraram, a partir da influência da teoria dos sistemas, na compreensão das relações meio ambiente X sociedade e as implicações nos campos da economia e subsistência, exemplificados nos estudos sobre áreas de captação de recursos e de manejo agroflorestral. Chamadas de “arqueologia de assentamentos”, com o surgimento de múltiplas arqueologias baixo o termo “pós-processual”, muitos outros pesquisadores inseriram em suas agendas de pesquisa a preocupação de ampliar os horizontes do que seria objeto de estudo da arqueologia na paisagem, acrescentando-se, mais recentemente, importantes contribuições que incluíram aspectos sociais e simbólicos como significativos para a explicação arqueológica das paisagens do passado.

A arqueologia da paisagem possui profundas conexões com a Geografia, área do conhecimento que tem a paisagem como objeto de estudo privilegiado, e associados

² LINO, J. T., *Sangue e Ruínas no Sul do Brasil: Arqueologia da Guerra do Contestado (1912-1916)*, 2011.

³ KNAPP, B.; ASHMORE, W. *Archaeological landscapes: constructed, conceptualized, ideational*, 1999, p. 1.

⁴ As diferentes linhas teóricas da arqueologia são didaticamente apresentadas por Johnson (2000) e por Trigger (2004).

com a geografia estão também outros termos de interesse arqueológico, como lugar, espaço, território e meio ambiente. Tanto na Geografia quanto na Arqueologia, a paisagem possui o mesmo significado, podendo ser definida como um determinado espaço organizado, cuja natureza é transformada e transformadora da cultura humana ali estabelecida. Buscando as origens etimológicas da palavra, Teresa Emídio⁵ relaciona a paisagem com aspectos relacionados à arte e à psicologia, sendo parte tanto do mundo real quanto ideacional, definindo-a da seguinte forma:

A paisagem são os povos, os costumes, as atrações e repulsas, os modos de ser e muito mais. Em síntese, a paisagem, como recurso ambiental e patrimonial, é o cenário da vida e do cotidiano que povoam a biosfera. A paisagem é, pois, uma realidade, sempre presente no espírito humano e onipresente na realidade ambiental.⁶

A percepção de que o mundo simbólico também forma parte importante no conceito de paisagem, como visto na passagem anterior, vem ao encontro com os argumentos de Boado⁷, para quem a paisagem é o “produto sócio-cultural criado pela objetivação sobre o meio e em termos espaciais da ação social tanto de caráter material como do imaginário”⁸. É justamente o aspecto imaginado, simbólico, cognitivo, que também deve ser considerado, para além da materialidade do conflito bélico do Contestado disperso pela paisagem do meio oeste catarinense, embora deva-se considerar as dimensões não-físicas dentro do contexto social em que foi gerada⁹. Nesse tipo de abordagem, portanto, a paisagem torna-se o objeto de estudo da arqueologia, em que objetos e sítios são estudados a partir de determinada amplitude espacial e, deste modo, “a arqueologia da paisagem estuda um tipo específico de produto humano (o espaço físico) para criar uma nova realidade (o espaço social: humanizado, econômico, agrário, habitacional, político, territorial...) mediante a aplicação de uma ordem imaginada (o espaço simbólico: sentido, percebido, pensado...)”¹⁰.

Outra definição de paisagem, que complementa as demais pode ser encontrada em Branton¹¹, que a conceitua como determinados espaços onde se desenvolvem as ações humanas, sendo caracterizadas justamente por esta inter-relação entre ambiente e ação humana. Por seu turno, esse arqueólogo discute as implicações que os conceitos de

⁵ EMÍDIO, T., *Meio Ambiente & Paisagem*, 2006.

⁶ EMÍDIO, T., *op. cit.*, 2006, p. 20.

⁷ BOADO, F. C., *Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje*, 1999, p. 5.

⁸ Tradução livre do original em espanhol.

⁹ BRANTON, N., *Landscape Approaches in Historical Archaeology: The Archaeology of Places*, 2009, p. 53.

¹⁰ Tradução livre do original em espanhol.

¹¹ BRANTON, N., *op. cit.*, 2009, p. 51-52.

espaço e lugar, difíceis de definir, possuem para o fazer arqueológico. O espaço seria o meio físico onde as atividades humanas se desenvolvem, marcando a paisagem com lugares, que, por sua vez, possuem significado muito variável, podendo, em linhas gerais, se dizer que são os pontos no espaço onde a ação humana é marcada, seja de modo material, seja de modo simbólico.

Diante desses conceitos geográficos, os arqueólogos pós-processuais se esforçaram para criar um campo específico da disciplina que desse conta das relações materiais para além de um ou mais conjuntos de sítios, isolados da contextualização de seu entorno e da relação com as demais feições na paisagem que não necessariamente receberiam a definição clássica de sítio arqueológico. Eis que surge a arqueologia da paisagem para tentar contemplar parte dessas problemáticas. Sua definição também é muito fluída, dependente também das opções teóricas as quais o pesquisador esteja associado e, como demonstraram Knapp e Ashmore¹², há inclusive diferenciações conceituais devido aos países de origem ao qual vivem os arqueólogos.

Branton¹³ explica que o termo “arqueologia da paisagem” tem sido utilizado basicamente com dois propósitos diferentes. Primeiro, é usado como unidade de escala para superar a tradicional ideia de sítio arqueológico como unidade básica de estudo, podendo-se pesquisar o passado sob diferentes escalas, muito mais amplas, como por exemplo, toda uma região onde ocorreu uma guerra, só para citar o tema deste trabalho. Inclusive, o autor salienta que esse alargamento de escala arqueológica é muito propício para a arqueologia histórica, que mais que no período pré-colonial, observa-se um palimpsesto de diferentes culturas e materiais coexistindo no mesmo espaço estudado, que pode ser delimitada por aspectos sociais, físicos ou étnicos. O segundo uso se refere aquilo que já vem sendo dito, como uma definição do estudo das relações entre meio natural e ações culturais. Dessa forma, o primeiro se refere mais a uma questão de método, e o segundo como a significação de uma área da arqueologia.

Para os propósitos dessa pesquisa em particular, considerou-se que os argumentos de Felipe Criado Boado¹⁴ oferecem um conceito coerente com essa proposta do termo “arqueologia da paisagem”, que a define como o estudo arqueologicamente orientado desta paisagem anteriormente definida, buscando a compreensão de paisagens do passado por meio do estudo da “culturalização” dos

¹² KNAPP, B.; ASHMORE, W. *op. cit.*, 1999, p. 4.

¹³ BRANTON, N., *op. cit.*, 2009, p. 52-53.

¹⁴ BOADO, F. C., *op. cit.*, 1999.

espaços ocupados pelos seres humanos. Para que tal proposta seja possível, é necessário conjugar-se três diferentes dimensões deste espaço: o meio físico, sendo o palco do desenrolar das atividades humanas; o meio social, onde os diferentes povos e indivíduos constroem seu mundo; e o meio simbólico, por onde as intervenções na paisagem são pensadas e o modo de vida é estruturado¹⁵. Exemplificando para o tema de pesquisa, poder-se-ia dizer que o meio físico é o planalto meridional, com suas configurações geográficas e ambientais particulares, seria o palco onde a materialidade que será descrita ocupou lugar¹⁶; o meio construído seriam esses pontos culturais materiais que serão descritos em três segmentos diferentes: aqueles vinculados à religiosidade, aos projetos capitalistas e à guerra propriamente dita e que, para Silva¹⁷, trata-se do principal legado da formação do território do Contestado, cujas relações sociais foram marcadas por meio do mundo material e podem ser vistas até os dias de hoje; e o meio ideacional seriam os modos de pensamento que estruturaram essa materialidade, podendo ser acessada através de estudos historiográficos e, incluindo na agenda de estudo, feições naturais que não necessariamente tenham sido transformadas, mas que podem ter tido papel importante para as sociedades ou indivíduos que as conceberam, sendo exemplos disso as grutas e fontes d'água “batizadas” pelos monges, ou as feições do relevo utilizadas como “arma” por parte dos guerreiros sertanejos. Essas três dimensões da paisagem juntas podem ser relacionadas com o conceito de “paisagens aninhadas”, que busca superar as limitações das próprias noções interpretativas feitas pelos arqueólogos no presente, partindo-se da conclusão de que os diferentes aspectos sociais, simbólicos e culturais devem ser considerados ao se estudar o passado sob a ótica da paisagem:

¹⁵ BOADO, F. C., *op. cit.*, 1999, p. 6.

¹⁶ Do ponto de vista econômico e geográfico, Cury (2009: 56) assim define o meio natural do Contestado: “A geografia da paisagem natural apresenta-se em uma camada de basalto do derramamento do tipo Trapp-paraná, com solos rasos, nas áreas de campos mais a oeste da região. E nas partes mais elevadas apresenta-se, de forma exuberante, a mata das araucárias, com solos férteis. A paisagem de campos é coberta por tufo de capins, capões e modestas matas ciliares; em determinados trechos estão presentes os banhados – desde o início da ocupação foram associados à criação de bovinos e ovinos. Fortes elementos de exploração econômica são encontrados nas áreas florestais. O pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*) está associada à visão, no passado e no presente, de elemento representativo da paisagem. Aparece junto à mata, à erva-mate (*Ilex-paraguaiensis*), e às madeiras de lei, como a imbuia (*Ocotea porosa*), a canela lageana, canela sassafrás, cedro, peroba, grábia, canjerana, e outras. A contribuição para a subsistência da população está atrelada à produção de pinhão, fruto da araucária, ao cultivo da mandioca, do feijão, do milho e da erva-mate”.

¹⁷ SILVA, A. A., *Contestado - Territorialidades e contradições na modernidade: uma reflexão perturbadora para os nossos dias*, 2009, p. 49.

Reconhecer as paisagens aninhadas implica conhecer a diversidade e a identidade social, uma mudança que foi encabeçada por arqueólogos pós-processualistas, marxistas e feministas. Não significa que nós procuramos apenas identificar indivíduos específicos pelo gênero no registro arqueológico, mas sim procurar explorar mais amplamente a existência de diferenças de gênero, sexo, idade, grupos de parentesco, classe e etnicidade podem implicar em um melhor entendimento e interpretação do registro arqueológico.¹⁸

Essas diferentes dimensões da paisagem foram sintetizadas por Knapp e Ashmore¹⁹, as quais propuseram três diferentes descrições interpretativas: paisagens construídas, paisagens conceitualizadas e paisagens ideacionais, que podem assim ser resumidas. As paisagens construídas são muito mais verificáveis no espaço pesquisado, pois se referem diretamente àquelas evidências materiais registradas por boa parte dos arqueólogos, formadas por estruturas diversas que geralmente levam o nome de “sítio arqueológico”. Em muitos estudos, inclusive, é o único “tipo” registrado e considerado na interpretação, possuindo correlação com a definição da UNESCO para a paisagem classificada como “claramente definida”, isto é, nitidamente transformada por ação antrópica. Já as paisagens conceitualizadas possuem como característica básica as ações de cunho religioso, artístico e cultural investidas na paisagem, mas não necessariamente transformadas por atividades humanas. Por fim, as paisagens ideacionais são constituídas das percepções imaginativas e emocionais daqueles grupos ou indivíduos que a conceberam e ali viveram e que podem parcialmente serem acessadas pela arqueologia em contribuição com outras áreas, como a antropologia com foco nos mitos e a história oral. O maior problema neste caso, obviamente reside no fato de que os arqueólogos, na maior parte das vezes, interpretam o passado a partir de suas próprias concepções ideacionais, tomando como base um mundo no mais das vezes radicalmente diferente daquele sendo pesquisado.

Esses autores também exploram alguns temas que tem como pano de fundo as paisagens arqueológicas, perscrutam alguns “tipos” de paisagem, assim sistematizadas: 1- paisagem como memória: tida como a materialização da memória dos grupos ou indivíduos, embora alguns estudos apontem para o fato de que a memória é muito mais fruto da construção do que propriamente do resgate histórico; 2- paisagem como identidade: os povos marcam a paisagem com seus signos de identidade, e em contrapartida, o meio social cria seus sinais de identificação com seus ocupantes,

¹⁸ KNAPP, B.; ASHMORE, W., *op. cit.*, 1999, p. 17.

¹⁹ KNAPP, B.; ASHMORE, W., *op. cit.*, 1999.

criando-se em certos espaços, portanto, elementos que fornecem a substância identitária, a identificação do eu com meu mundo; 3- paisagem como ordem social: as paisagens oferecem pistas para a interpretação das diferentes sociedades, ela mesmo agindo como meio onde os indivíduos negociam e estruturam a organização social e as relações culturais; 4- paisagem como transformação: mudam-se as paisagens de modo lento ou abruptamente, mas as razões devem ser investigadas considerando-se múltiplos fatores, como os momentos históricos envolvendo tensão, contestação, conquistas externas e até catástrofes naturais. Além disso, aqui cabe referenciar que os antigos sítios podem, com o passar do tempo, receber novos usos e significados, ou ainda feições geológicas naturais serem interpretadas no presente como monumentos de povos do passado²⁰.

É preciso atentar-se para o alerta de Meirinho²¹, que afirma que a paisagem transformada pelos caboclos do Contestado tem sido, para a modernidade, colocada muitas vezes dentro do mundo natural, do que propriamente do social. Isto se dá devido ao contraste que a ciência moderna opôs entre o natural e o artificial, o segundo só pode existir a partir da destruição do primeiro. Deste modo, a simbiose existente entre a natureza e a cultura regional antes do advento dos empreendimentos capitalistas e da guerra, foi ignorada devido à harmonia existente entre os modelos de exploração do ambiente e a construção social da paisagem, que colocava então os sertanejos dentro do mundo da “natureza” e, portanto, não serviria como modelo de modernização do sertão brasileiro, havendo que ser destruído e substituído, como de fato aconteceu, implantando-se na região um modelo extremamente predador e, assim, de acordo com os pressupostos do avanço da ciência e da técnica. Logo, a guerra se faz necessária e é planejada, para que os modelos possam ser substituídos, concluindo-se que a colonização é a marca material mais nítida da vitória da modernidade. Aí está colocado um típico exemplo de uma paisagem transformada, por meio da contestação e conquista dos projetos modernizadores da nascente república brasileira.

Segundo Neves²², a técnica modernizadora marcou a paisagem do Contestado em dois momentos distintos, mas complementares. Em primeiro lugar, por meio da construção de empreendimentos capitalistas, como as grandes serrarias e estradas de ferro, e também devido à guerra, cuja logística bélica do exército implicou no uso intensivo da técnica para que se pudesse ter vantagem sobre os guerreiros caboclos, que

²⁰ KNAPP, B.; ASHMORE, W., *op. cit.*, 1999, p. 13-19.

²¹ MEIRINHO, B. C. D., *A terra vista do “espaço”*: breve ensaio sobre o Contestado e as modernas relações do homem com a natureza, 2009.

²² NEVES, D. L., *Uma concepção geográfica sobre a questão do Contestado (PR-SC)*, 2009.

enfrentaram os avanços tecnológicos como mais um dos tantos elementos a serem combatidos. Desta forma, a exploração do território mudou radicalmente, do sistema extrativista da erva-mate com baixos custos ambientais, para o drástico desaparecimento da cobertura florestal levados a efeito pelas serrarias da Lumber, e a consequente substituição das espécies nativas por reflorestamento de pinus observados no presente, além da constituição de núcleos coloniais com lógica de exploração do solo diversa da cabocla²³. A região do Contestado, então, pode ser tomada como exemplo de transformações profundas na paisagem, onde “o capital, aliado aos interesses do Estado, vai modificar o espaço e criar novas territorialidades”²⁴.

Considerações finais

De posse deste instrumental teórico-metodológico, realizou-se alguns levantamentos pela região do meio oeste do Estado de Santa Catarina, objetivando identificar locais potenciais para o estudo arqueológico da Guerra do Contestado, privilegiando o diagnóstico de lugares que contribuíram para a transformação da paisagem cultural regional. Constatou-se que, além de sítios propriamente relacionados com a guerra, também diversos locais dentro do contexto histórico regional podem ser submetidos à investigação arqueológica, destacando-se aspectos da arqueologia do sagrado e arqueologia industrial.

Tem-se então, a seguinte tipologia resultante da pesquisa da arqueologia da paisagem do Contestado:

- Arqueologia da guerra: locais de batalhas, redutos dos sertanejos, trincheiras, cemitérios, guardas avançadas, acampamentos militares.
- Arqueologia do sagrado: fontes d'água, grutas, cruzeiros, igrejas, quadros santos, formações naturais diversas.
- Arqueologia Industrial: engenhos de serrar, serrarias, via férrea, estações ferroviárias.

²³ LOPES, L. F., *Novas territorialidades no Contestado*, 2009, p. 159-160; MATOZO, S. J. H., *Territorialidade, desterritorialidade e novas territorialidades no Contestado*, 2009, p. 195; MIGLIORINI, S. M. S. *Um olhar sobre a região da Guerra do Contestado: acontecimentos passados e transformações territoriais*, 2009.

²⁴ AQUINO JUNIOR, J. *Os poderes territoriais no Contestado: do passado ao presente*, 2009, p. 185.

Em suma, a perspectiva da arqueologia da paisagem possibilita uma análise macro-espacial do objeto de pesquisa, contemplando as diferentes esferas de interação anteriormente descritas (meio natural, meio social e meio simbólico), proporcionando desta maneira a identificação de um enorme potencial de pesquisa cujo foco se insere nas áreas de arqueologia, cultura material e patrimônio histórico-cultural.

REFERÊNCIAS

- AQUINO JUNIOR, J. Os poderes territoriais no Contestado: do passado ao presente. In FRAGA, N. C. (org). *Contestado: o território silenciado*. Florianópolis: Insular, 2009. Cap. , p. 183-192.
- BOADO, F. C. Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje. In *CAPA 6*, Grupo de Investigación em Arqueología del Paisaje, Universidad de Santiago de Compostela, 1999.
- BRANTON, N. Landscape Approaches in Historical Archaeology: The Archaeology of Places. In MAJEWSKI, T; GAIMSTER, D. (org.). *International Handbook of Historical Archaeology*. New York: Springer, 2009, p. 51-66.
- CURY, M. J. F. Uma reflexão sobre o território do Contestado. In FRAGA, N. C. (org). *Contestado: o território silenciado*. Florianópolis: Insular, 2009, p. 55-64.
- EMÍDIO, T. *Meio Ambiente & Paisagem*. São Paulo: SENAC, 2006.
- JOHNSON, M. *Teoria Arqueológica: Una Introducción*. Barcelona: Ariel, 2000.
- KNAPP, B.; ASHMORE, W. Archaeological landscapes: constructed, conceptualized, ideational. In ASHMORE, W. e KNAPP, B. *Archaeologies of Landscape: Contemporary perspectives*. Massachussets and Oxford: Blackwell, 1999, p. 1-30.
- LINO, J. T., *Sangue e Ruínas no Sul do Brasil: Arqueologia da Guerra do Contestado (1912-1916)*. Tese de doutorado, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro, 2011.
- LOPES, L. F. Novas territorialidades no Contestado. In FRAGA, N. C. (org). *Contestado: o território silenciado*. Florianópolis: Insular, 2009. Cap. , p. 157-162.
- MATOZO, S. J. H. Territorialidade, desterritorialidade e novas territorialidades no Contestado. In FRAGA, N. C. (org). *Contestado: o território silenciado*. Florianópolis: Insular, 2009, p. 193-198.
- MEIRINHO, B. C. D. A terra vista do “espaço”: breve ensaio sobre o Contestado e as modernas relações do homem com a natureza. In FRAGA, N. C. (org). *Contestado: o território silenciado*. Florianópolis: Insular, 2009, p. 73-84.

MIGLIORINI, S. M. S. Um olhar sobre a região da Guerra do Contestado: acontecimentos passados e transformações territoriais. In FRAGA, N. C. (org). *Contestado: o território silenciado*. Florianópolis: Insular, 2009, p. 173-182.

NEVES, D. L. Uma concepção geográfica sobre a questão do Contestado (PR-SC). In FRAGA, N. C. (org). *Contestado: o território silenciado*. Florianópolis: Insular, 2009, p. 85-92.

SILVA, A. A. Contestado - Territorialidades e contradições na modernidade: uma reflexão perturbadora para os nossos dias. In FRAGA, N. C. (org). *Contestado: o território silenciado*. Florianópolis: Insular: 2009, p. 45-54.

TRIGGER, B. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004.